

2

Forma, Imagem e Representação

Um dos aspectos mais sugestivos das análises da forma é aquele que vem das considerações sobre a quantidade de realidade e sobre as modalidades da sua representação. Essas observações podem ser feitas sob o ponto de vista da psicologia e da antropologia e é através destas áreas de conhecimento que se pode verificar as necessidades mais remotas do homem de figurar, representar ou reproduzir as formas da realidade com os mais diferentes objetivos como o comunicativo, o decorativo, o ritualístico, o documental, o expressivo, etc. Deve-se dizer também que, paralelamente a essas necessidades de representação da realidade objetiva, cotidiana, sempre existiu uma outra de outra ordem, a necessidade de representar o mundo interno, a esfera psíquica, ou seja, a realidade subjetiva, interior, na qual se tenta dar forma a valores morais, a forças imateriais, sentimentos, ideais de realidade (realidades irrealis) que são originários do imaginário.

A passagem da realidade à representação se dá através da percepção e consequentemente também da interpretação, que atuam como filtros, o que gera na representação 'ruídos'. A realidade perde sua conotação genuína, ela é re-elaborada, adquirindo características simbólicas e interpretativas.

2.1

Imagem e Representação

A palavra imagem, etimologicamente, deriva do latim - *imago*, *inis*, substantivo que significa semelhança, forma, aspecto, aparência, retrato, lembrança, eco.

A palavra representação também deriva do latim - *re-apreäsentatio*, *onis*, substantivo que significa imagem, representação, pagamento a vista.¹⁰

10. PEQUENO dicionário latino português, São Paulo: Editora Nacional, 1949.

Como se pode constatar, essas duas palavras, desde as suas origens etimológicas, estão muito relacionadas.

Para imagem trago aqui as diversas acepções que Aurélio Buarque de Holanda¹¹ e Caldas Aulete¹² lhe dão:

imagem

[Do lat. *imagine*.]

Substantivo feminino.

- 1 Representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de objeto.
- 2 Restr. Representação plástica da Divindade, de um santo, etc.
- 3 Restr. Estampa, ger. pequena, que representa um assunto ou motivo religioso.
- 4 Fig. Pessoa muito formosa.
- 5 Reprodução invertida, de pessoa ou de objeto, numa superfície refletora ou refletidora.
- 6 Representação dinâmica, cinematográfica ou televisionada, de pessoa, animal, objeto, cena, etc.
- 7 Representação exata ou analógica de um ser, de uma coisa; cópia.
- 8 Aquilo que evoca uma determinada coisa, por ter com ela semelhança ou relação simbólica; símbolo.
- 9 Representação mental de um objeto, de uma impressão, etc.; lembrança, recordação.
- 10 Produto da imaginação, consciente ou inconsciente; visão.
- 11 Manifestação sensível do abstrato ou do invisível.
- 12 Metáfora: imagem gasta, banal.
- 13 Alg. Mod. Ponto de um conjunto que corresponde a um ponto de outro numa aplicação deste sobre aquele.
- 14 Inform. Cópia exata do conteúdo de um segmento contínuo de memória (principal ou secundária) ou de arquivo.
- 15 Ópt. Conjunto de pontos no espaço, para onde convergem, ou de onde divergem, os raios luminosos que, originados de um objeto luminoso ou iluminado, passam através de um sistema óptico.
- 16 Rel. Públ. Conceito genérico resultante de todas as experiências, impressões, posições e sentimentos que as pessoas apresentam em relação a uma empresa, produto, personalidade, etc.

Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0

11. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**, vs. 5.0, 2004.

12. AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, vs online, acessado em 25 de julho de 2007.

i.m.a.gem (i.ma.gem)

sf.

- 1 Representação ou reprodução de um objeto ou de um ser por meio de desenho, pintura, escultura etc.
- 2 Rel. Pequena estampa sobre assunto religioso ; EFÍGIE
- 3 Reprodução visual de seres, objetos, cenas etc. com o auxílio de aparatos técnicos: O filme mostra belas imagens de Recife
- 4 Representação visual ou plástica de uma divindade, de um santo etc.: a imagem de Jesus
- 5 Reprodução de pessoa ou objeto em uma superfície com capacidade refletora : a imagem no espelho
- 6 Representação mental de pessoa, objeto ou acontecimento; RECORDAÇÃO: Durante anos fiquei com a imagem do acidente na cabeça
- 7 Fig. Aquilo que simboliza alguma coisa : A cena era a imagem da miséria humana
- 8 Fig. Parecença, semelhança : Fomos feitos à imagem de Deus
- 9 Liter. Representação de algo por meio de alegoria, metáfora etc. : As imagens desse livro são muito batidas
- 10 Publ. Conceito que uma pessoa, um produto, uma idéia etc. tem em relação ao seu público-alvo: A imagem do candidato melhorou após o debate
- 11 Ópt. Reprodução de um objeto pela reunião dos raios luminosos emanados desse objeto depois de passarem por um sistema óptico
- 12 Psic. Experiência de tipo sensorial que pode ser parcialmente invocada na ausência do estímulo externo apropriado.
- 13 Psic. Qualquer representação mental de uma idéia, de uma abstração ou de um ser imaginário. Pl.: -gens

[F.: Do lat. imago, ginis. Idéia de imagem: icon(i/o)
(iconografia)]

Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa:
Dicionário Caldas Aulete

Historicamente, às imagens são dadas as mais diversas atribuições: emocionar, orientar, informar, educar, ornar, narrar, orientar, testemunhar, lembrar, representar, etc. Essas funções, algumas das quais muito díspares, são oriundas de estudos realizados em diferentes campos.

Apesar de estar presente no cotidiano humano desde os mais remotos tempos, podemos dizer que os conceitos de imagem com os quais lidamos atualmente são resultados de estudos realizados principalmente, e quase somente, no século passado. De um lado, a psicologia experimental e, mais atualmente, os avanços da neurociência mostram uma profunda conexão entre visão e ação, entre imagem, conhecimento e emoção. De outro lado, as novas fronteiras da tecnologia permitem a superação de paradigmas, como estatismo e dimensionalidade, através da transmissão mediante realidades virtuais, experiências de imer-

são, etc. E, assim, a comunicação por imagens vem, hoje em dia, sofrendo múltiplas mudanças.

representação

[Do lat. *representatione*]

- 1 Ato ou efeito de representar (-se).
- 2 Coisa que representa.
- 3 Reprodução daquilo que se pensa.
- 4 Filos. Conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento.

Dicionário Aurélio Eletrônico - Século XXI - vs 3.0
novembro de 1999

Pelo quadro acima, constato que à representação estão ligados outros conceitos que se acham integrados na sua conceituação: pensamento, memória, imaginação.

Também ainda em relação ao conceito de representação, ao longo da minha pesquisa achei na literatura várias distinções para o termo:

- representação mental;
- representação visual;
- representação social;
- representação espacial;
- etc.

Mas, adotando o ponto de vista de vários autores, dentre eles Santaella e Nöth (2001)¹³, ousou dizer que, pelo menos a título de uma primeira aproximação de análise conceitual, todas as representações são, a priori, mentais. Delas quem mais tem se ocupado é a Psicanálise.

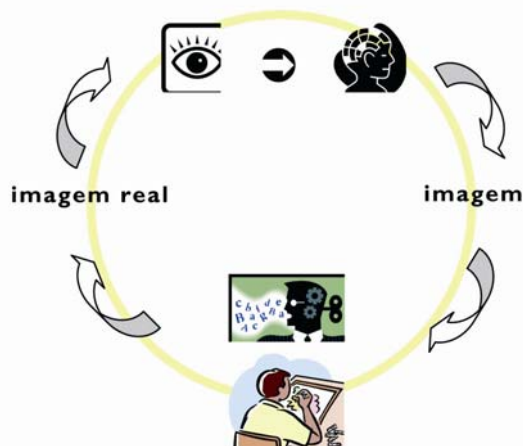


figura 4 – imagem mental vs. imagem real.

13. SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

2.1.1

A contribuição da Psicanálise

Uma contribuição fundamental para o tema em questão tendo sido dada pela Psicanálise, pelos estudos aprofundados sobre a polissemia das imagens e a construção das representações mentais, dentro do funcionamento normal do pensamento.

Não tenho dúvidas de que estou diante da tarefa difícil de distinguir *imagem* de *representação* pela ótica psicanalítica, mas devo tentá-la porque esta distinção vai me ser muito importante para o trabalho de análise do material empírico recolhido.

Assim, para trazer para minha tese o conceito de imagem e representação e a forma como o podemos distinguir da expressão, às vezes usada como seu sinônimo, ‘traço mnêmico’¹⁴, tomo como base os artigos de Mamede-Neves sobre o assunto (2007a¹⁵, 2007b¹⁶ - este baseado nos escritos de Laplanche-Pontalis, 1992¹⁷ e o de Rouanet, 1993¹⁸) que me remetem a algumas obras de Freud pertinentes ao tema.

Mamede-Neves mostra, em trabalho publicado em 2007a, que, desde 1895, quando Freud escreve um manuscrito, o chamado ‘Projeto’¹⁹, se afirma o caráter imagético das memórias. Para ele, as formas da realidade têm sentido, tomam significação somente enquanto se transformam em formas mentais e aí sim, estas podem se transformar em formas tão concretas e tangíveis quanto as formas objetivas.

Ainda segundo a autora, o ato de pensar pressupõe o suporte de uma organização - a organização psíquica - que se constitui num sistema de representações dos impulsos internos, dos objetos e vínculos percebidos, dos momentos vivenciais e das ações do próprio indivíduo, tudo isso recebido como informações pelo psiquismo, nele registrado e por ele significado. Na verdade, o sistema psíquico realiza um duplo trabalho: **transforma percepções**, externas e internas, **em imagens e operações mentais**, integrando-as sempre ao conjunto de registros já estruturados, ao mesmo tempo que **modifica suas próprias estruturas de operação** em função da entrada das informações no próprio sistema. (o grifo é da autora)

14. Que também poder denominado ‘traço mnêmico’.

15. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. **Reflexões sobre a contribuição de Freud ao conceito de representação**. Rio de Janeiro: PUC, 2007a, digitalizado.

16. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. O que está por trás do processo de aprender. In: TEIXEIRA, Maria Luiza e VASCONCELLOS, Ana Celina (org.) **O pensar e o fazer psicopedagógicos: a experiência do NOAP**. Rio de Janeiro: Lidador, 2007b.

17. LAPLANCHE E PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

18. ROUANET, Sergio Paulo. **A razão nômade**: Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

19. FREUD, Sigmund. [1895] Projeto de uma teoria científica para neurólogos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 1, 1977.

Imagem é a elaboração mental que guia a construção representativa. As imagens não constituem as unidades do pensamento, mas são o resultado do processo de pensamento. Da mesma maneira que a percepção, a imagem não pode dar conta do objeto em sua totalidade. Em compensação, ela constitui o signo desse objeto, ao qual ela se refere através de suas aparências possíveis. A percepção é contemporânea da sensação, enquanto a imagem, em busca de uma sensação impossível, indica a falta do objeto que ela visa. (Pain, 1996)²⁰

Na relação imagem-ação, é preciso que as diferentes percepções que se pode ter do objeto se articulem à ação exercida sobre esse mesmo objeto, como a manipulação, a rotação, o que possibilita a integração de suas faces e de sua conservação. O sensorial e o motor permitem, graças aos mecanismos de assimilação e de acomodação, o reconhecimento dos objetos semelhantes. O sujeito não pode reviver, na falta do objeto, as sensações correspondentes, mas, pelo contrário, pode reproduzir sempre os movimentos. Longe de se apresentar como uma fotografia, a imagem, nos termos tomados pela Psicanálise e afirmados por Pain (1996), nos surpreende mais por sua fragilidade e sua labilidade.

Portanto, a imagem é uma construção mental que se faz a partir de esquemas sensório-motores. Aliás, o ponto de partida do pensamento se dá exatamente através de esquemas sensório-motores que se estruturam de forma representativa no espaço psíquico, permitindo que, progressivamente, o sujeito vá organizando o seu próprio eu e organizando as representações do meio circundante, sem que haja necessariamente alterações na realidade externa.

Quanto maior a preparação representativa, mais diferenciados são os esquemas e mais eficaz a antecipação do resultado. Auxiliado pelo conhecimento que tem dos diferentes códigos, o pensamento procede à análise dos objetos - realistas ou abstratos - em suas diversas partes.

Um outro ponto importante é a conceituação da representação como sinônimo de traço mnêmico, muito comum, porém menos apurada, da contribuição psicanalítica e que os estudiosos da metapsicologia freudiana não consideram verdade.

Traço mnêmico é uma expressão utilizada por Freud ao longo de toda a sua obra para **designar a forma como os acontecimentos se inscrevem na memória**, acontecimentos esses que, na verdade, ficam depositados em sistemas psíquicos. De modo geral, todas as lembranças estariam de direito inscritas, mas a sua evocação depende da forma como são investidas, desinvestidas, contra-investidas. Para Freud, os traços mnêmicos subsistem de forma permanente na mente humana, mas só são reativados depois de investidos de energia

20. PAIN, Sara e JARREAU, Gladys. **Teoria e prática da arte-terapia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

psíquica que lhes vai conferir consciência. (Mamede-Neves, 2007a, p. 3)²¹ [grifo da autora]

Freud acha difícil que o sistema Percepção-Consciência possa conter traços duradouros, memorizados, porque se eles permanecessem sempre conscientes, depressa limitariam a capacidade do sistema para receber novos traços. Porém, se esses traços, pelo contrário, fossem postulados com a qualidade de inconscientes, implicariam na formulação da existência de processos inconscientes em um sistema cujo funcionamento é, por outro lado, acompanhado pelo fenômeno da consciência. Essa formulação obriga a ter-se em mãos pelo menos dois sistemas integrados: um, que recebe o estímulo, e outro que o armazena.

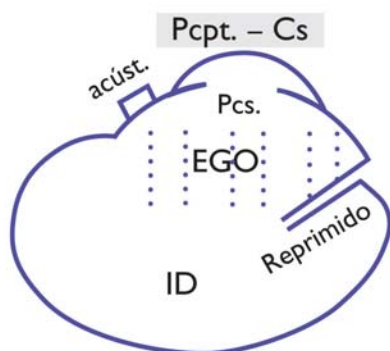
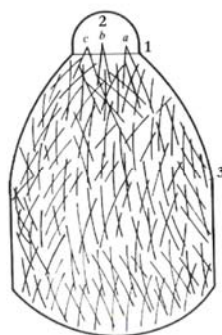


figura 5 – sistema Percepção-Consciência (Freud, [1923] 1976, p.38)²²

Interessante notar-se que esta representação de Freud tem uma relação muito estreita com a representação de mente humana de Herbart, filósofo que sucedeu Kant, no início do século XIX, na cátedra de filosofia de Königsberg.²³



1. O limiar da consciência;
2. O campo da consciência;
3. O subconsciente.

figura 6 – representação de mente humana de Herbart (In: Bigge, 1977, p.42)²⁴

21. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. **Reflexões sobre a contribuição de Freud ao conceito de representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007a, digitalizado.

22. FREUD, Sigmund. [1923] O ego e o id. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 1976.

23. Há indícios apontados por estudiosos que Freud se valeu das idéias de Herbart sobre o assunto.

24. BIGGE, Morris. **Teorias da aprendizagem para professores**. São Paulo: EPU, 1977.

Pelo que se viu acima, penso ser importante, então, trazer outra contribuição de Freud (1924) para esta discussão, quando usa como exemplo, aliás, muito didático, a metáfora do Bloco Mágico, para a compreensão da articulação da percepção e os demais sistemas do psiquismo.

O Bloco Mágico é um brinquedo infantil que, semelhante a uma lousa, apresenta, entretanto, duas telas, uma de celulose, e a de cima que permite a escrever ou desenhar em sua superfície e, a segunda, de cera ou material análogo na qual a primeira se apóia. O interessante é que, escrevendo sobre a primeira aparece a escrita ou o desenho, mas se soltando as duas películas, o escrito desaparece da superfície. A primeira camada atua não só como um escudo protetor da segunda, mas fica disponível para receber uma outra inscrição. É fácil perceber que, ainda que tenha ficado apagado o que se fez sobre a camada da superfície, o traço permanente do que foi escrito está retido na superfície de cera, podendo em alguns casos ser perfeitamente distinguido.

Para Freud,

a camada que recebe os estímulos (a superfície do bloco) seria o sistema Pcpt/Cs e a película de cera seria os sistemas que guardariam as memórias, registradas mas inconscientes. Semelhante ao Bloco Mágico, o sistema Pcpt/Cs não forma traços permanentes ficando os fundamentos da memória ocorrendo em outros sistemas contíguos. (Freud [1924] 1976 p. 288-289)²⁵

O problema a ser resolvido agora é quando e em que condições as lembranças podem ser conscientizadas. Freud fica num impasse, impasse esse resolvido, segundo a ótica de Mamede-Neves, no momento em que considera que as lembranças somente são conscientizáveis quando podem ser 'dizíveis', ou seja, enlaçadas a representações verbais a elas correspondentes, visto que é a língua que permite esses elementos se tornarem expressáveis e articuláveis. A maioria das memórias fica em estado de inconsciência, mas não necessariamente no Inconsciente e sim no Pré-consciente, passíveis, portanto de serem conscientizáveis tão logo sejam pinçadas. Nesse caso, as lembranças pré-conscientes (a memória, no sentido corrente do termo) podem ser atualizadas a qualquer momento quando necessário. (Mamede-Neves, 2007a)²⁶

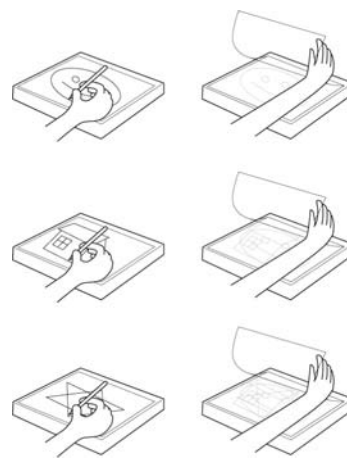


figura 7 - O uso do bloco mágico. (Ilustração de André Beltrão, 2008)

25. FREUD, Sigmund. [1925 (1924)] Uma nota sobre o 'Bloco mágico'. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19, p. 283-292, 1976.

26. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. **Reflexões sobre a contribuição de Freud ao conceito de representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007a, digitalizado.

Penso ser curioso notar que em informática existe uma possibilidade de atualizar²⁷, as informações dos *browsers*²⁸, seja ele do sistema operacional ou de navegação na Internet, o que, em minha opinião, guarda uma estreita relação com a possibilidade de atualização das memórias pelo sistema Pré-consciente/consciente.

Com o *browser* é possível explorar textos, fotos, gráficos, sons e vídeos na Internet e pular de uma página para outra com um simples clique nos *links*²⁹. Ora, desde o sempre não é isto que o sistema mental realiza, pulando de idéia a idéia, associando, estruturando elementos que dantes eram inconcebíveis de estarem juntos? O *browser*, tal como o bloco maravilhoso, parece-me ser uma boa metáfora para a clarificação deste funcionamento mental.

Por outro lado, apesar de estar sempre presente implicitamente, no uso freudiano, a distinção entre traço mnêmico e representação, a representação como investimento do traço mnêmico nem sempre é colocada com nitidez no campo psicanalítico, talvez porque é meio impensável, dentro da psicanálise, a concepção de um *traço mnêmico puro*, isto é, um rastro, uma representação totalmente desinvestida de significação, quer pelo sistema inconsciente, quer pelo sistema consciente.³⁰

Resumindo as reflexões de Mamede-Neves (2004)³¹ sobre este assunto, a autora diz que, para Freud, desde 1895, a língua, como uma estrutura ou um sistema, é um fator estruturante do sistema psíquico em nível superior de organização. O pensamento, em seus diferentes tipos, do objetivo ao cogitativo/crítico, se caracteriza pelas atividades intermediárias entre a emergência de desejo e o encontro do objeto de satisfação. Pela possibilidade

27. Esta função tem como atalho padrão a tecla F5, e tem a função de atualizar os conteúdos dos *browsers*. No caso dos *browsers* de navegação, por exemplo, muitos sites hoje em dia já são planejados para que essa função seja automática, mas ainda em alguns é necessário que o usuário o faça. Por exemplo, no caso de um jornal *online* que tenha uma sessão de notícias de plantão. Se você fica com seu *browser* aberto por meia hora se ele não tiver a função automática, provavelmente você terá que acionar a tecla F5 para atualizá-lo para que assim as notícias postadas nestes minutos em que você manteve seu *browser* aberto aparecerão no site.

28. O *browser* de navegação foi desenvolvido na Universidade de Illinois (EUA) e o primeiro se chamava *Mosaic*. Isto aconteceu recentemente, no começo dos anos 90. Atualmente os 2 *browsers* mais utilizados são o *Netscape Navigator* e o *Microsoft Internet Explorer*. Um web browser é uma aplicação de software que permite aos usuários o acesso a World Wide Web (WWW). Para isso, um navegador da Web deve ser capaz de compreender os dados protocolos utilizados pelos servidores da Web, como HTML e XHTML; ser capaz de tornar possível a saída nestas linguagens. **O QUE É um browser?** Disponível em <<http://www.tech-faq.com/lang/pt/web-browser.shtml>> Acesso: 27 de agosto de 2007.

29. Palavras ou expressões grifadas ou qualquer objeto sobre o qual, surge uma quando se passa a seta do mouse sobre ela, o cursor muda dando a possibilidade de se ir para outro site.

30. Como já apontei acima, tem sido notada muitas vezes a influência que teria exercido em Freud a concepção de uma verdadeira "mecânica das representações" (*Vorstellungsmechanik*) de Herbart. Como aponta Dia Andersson, "... o herbartismo era a psicologia dominante no mundo científico em que Freud vivia durante os anos de formação do seu desenvolvimento científico" ANDERSSON, O. **Studies in the Prehistory of Psychoanalysis**, Svenska Bokförlaget: Norstedts, 1962.

31. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. Pensamento e comunicação: um não existe sem o outro. In: MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. **Aprendendo aprendizagem**. 4ª ed., Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004. | CD-ROM

dessas atividades continuarem se processando, mesmo quando a utilização imediata não é mais necessária (pensamento cogitativo), elas são altamente importantes para o exame reflexivo e, *a priori*, das metas a serem atingidas, quando uma situação posterior de urgência se apresentar.

A autora recomenda que, para que isso seja possível, o pensamento necessita adquirir ‘qualidades de consciência’, isto é, deve tornar-se perceptível. Por isso, Freud postulou a necessidade de associação entre os elementos do pensamento e as representações verbais, com o que podem ser memorizados e evocados. Através da língua, segundo ela melhor dito **através de sistemas de comunicação**, o homem organiza seus estados mentais numa representação compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior, e por meio dela (ou deles) consegue expressá-los. Essa capacidade manifestativa do homem, quer seja através da língua³² ou não, seria a linguagem.³³ Através dela, o homem organiza seus estados mentais, numa representação compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior, e por meio dela consegue expressá-los. Nesse sentido, penso ser essencial, para a análise dos dados empíricos presentes em minha tese, a afirmação de Mamede-Neves (1977)³⁴ de que a linguagem humana pressupõe *o homem em atividade*, considerado não como um ser isolado, mas *como ser social*, estabelecendo relações significativas com outros indivíduos.

No que concerne mais estritamente ao conceito psicanalítico freudiano, representação (*Vorstellung*) seria aquilo que do objeto vem inscrever-se nos ‘sistemas mnêmicos’, para adquirirem a possibilidade de serem lembrados. Esse conceito me faz lembrar a função dos *tags*.

Tag é uma palavra da língua inglesa e significa rótulo, etiqueta, na linguagem computacional os *tags*, seguem os mesmos significados e são recursos disponibilizados em alguns sites e programas para que possamos organizar objetos, mercadorias, arquivos, fotos, etc. para nos orientar na lida diária, no cotidiano da rede. Assim, um *tag* é uma palavra-chave que serve para caracterizar um assunto ou uma categoria de um Post. Os *tags* são utilizados para organizar e facilitar a busca de páginas e objetos na Internet. Cada usuário *etiqueta* o seu conteúdo (post, foto, etc.) usando o critério que preferir. Depois, os *tags* podem ser utilizados para indexar e procurar aquele conteúdo e encon-

32. A partir de Saussure (1969), o termo língua especializou o seu significado, no sentido de melhor diferenciar-se do discurso (*parole*). É uma estrutura ou um sistema; um conjunto de signos (definidos como “combinação de significante e de significado”) de natureza psíquica. a disposição da coletividade, porém exterior ao indivíduo, que por si só não pode nem criá-la nem modificá-la. SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1969.

33. Segundo Kristeva (1969), a língua é a parte social da linguagem; é exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo indivíduo falante e parece obedecer às leis do contrato social que é reconhecido por todos os membros da comunidade. KRISTEVA, J. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.

34. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. **O conceito de sublimação na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: (Ed.) Rio, 1977.

trar *posts*³⁵ que possuem este *tag* e que, possivelmente, tratam de assuntos relacionados a ele.³⁶

Com estas elucidacões, ousou perceber certa semelhança funcional dos *tags* com o conceito de representação (*Vorstellung*) no que ela se refere às associações que possa oferecer ao sistema psíquico.

o termo em alemão vorstellung

VOR	STELL	UNG
Como sufixo verbal indica que a ação ocorre temporal ou espacialmente “diante de” “na frente de” “perante de”	do verbo <i>stellen</i> “pôr” “colocar” “colocar de pé”	sufixo de substantivação

Sabemos que segundo Mamede-Neves (2007b)³⁷ que, para Freud, a memória, inicialmente seria um receptáculo puro e simples de imagens e, neste caso, tendo recebido a influência da posição de Herbart, como já visto acima. Mas observa também que Freud não reduz a memória a isso, pois é ele próprio que complementa esta idéia, admitindo a possibilidade dos sistemas mnêmicos de multiplicar a lembrança em diferentes séries associativas e designando, pelo nome de *traço mnêmico*, um signo sempre coordenado com outros e que não está ligado a esta ou àquela qualidade sensorial. A *Vorstellung* de Freud se põe, assim, próxima da noção lingüística de significante. (Roudinesco, 1998)³⁸

Para a Psicanálise, as formas da realidade têm sentido, tomam significação somente enquanto se transformam em

35. Vem do verbo em inglês ‘to post’, postar, enviar, endereçar. Quando algo é ‘postado’ na rede quer dizer que ele foi enviado. Este termo é mais comumente usado para mensagens que serão tornadas públicas como, por exemplo, os textos de blogs e afins.

36. O QUE SÃO as tags. Disponível em <<http://blogblogs.com.br/help/faq/o-que-sao-as-tags>> Acesso: 12 de setembro de 2007.

37. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. O que está por trás do processo de aprender. In: TEIXEIRA, Maria Luiza e VASCONCELLOS, Ana Celina (org.) **O pensar e o fazer psicopedagógicos: a experiência do NOAP**. Rio de Janeiro: Lídador, 2007b.

38. ROUDINESCO, Elizabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

formas mentais e, aí sim, estas podem se transformar em tão concretas e tangíveis quanto as formas objetivas.

Mamede-Neves (2007a)³⁹ nos assinala que a idéia de representação de coisa está muito cedo presente no pensamento freudiano com a expressão, muito próxima, de ‘traços mnêmicos’ que se depositam nos diversos sistemas mnêmicos. Freud (1914)⁴⁰, nos seus estudos sobre a Metapsicologia e, mais especificamente, no seu trabalho *O Inconsciente*, distingue dois níveis destas ‘representações’: as ‘representações de coisa’ e as ‘representações de palavra’. Esta distinção sublinha uma diferença a que Freud confere, aliás, um valor tópico fundamental; as representações de coisa, que caracterizam o sistema inconsciente, estão em relação mais imediata com a coisa. Consistem num investimento, se não de imagens mnêmicas diretas da coisa, pelo menos no de traços mnêmicos mais afastados, (mas) **derivados dela**.

Entretanto, continuando as observações de Mamede-Neves (2007a), numa definição muito precisa, Freud (1914, apêndice C) diz que “a representação de coisa consiste num investimento, se não de imagens mnésicas diretas da coisa, pelo menos no de traços mnésicos mais afastados, derivados dela.” Para Laplanche e Pontalis (1992)⁴¹, esta definição acima exige duas observações: A representação de coisa é aqui nitidamente diferenciada do traço mnésico, ela reinveste e reaviva este, que não é em si mesmo nada mais do que a inscrição do acontecimento, o registro⁴²; a representação de coisa não deve ser entendida como um análogo mental do conjunto da coisa. Esta está presente em diversos sistemas ou complexos associativos quanto a este ou aquele de seus aspectos.

Já à palavra corresponde um complicado processo associativo no qual se reúnem imagens de origem visual, acústica e sinestésica. (Freud, 1914 p. 243, apud Mamede-Neves, 2007a)

Mamede-Neves acredita, apoiando-se sempre em Laplanche e Pontalis e em sua própria obra de 1977⁴³, que Freud, em seu trabalho *O inconsciente*⁴⁴, publicado em 1914, coloca, no apêndice C, com uma clareza muito além de seu tempo, a possibilidade da associação entre “apresentação das palavras e apresentação das coisas (objetos)”.

39. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. **Reflexões sobre a contribuição de Freud ao conceito de representação**. Rio de Janeiro: PUC, 2007a, digitalizado.

40. FREUD, Sigmund. [1914] O inconsciente. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 14, p.244, 1974.

41. LAPLANCHE E PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

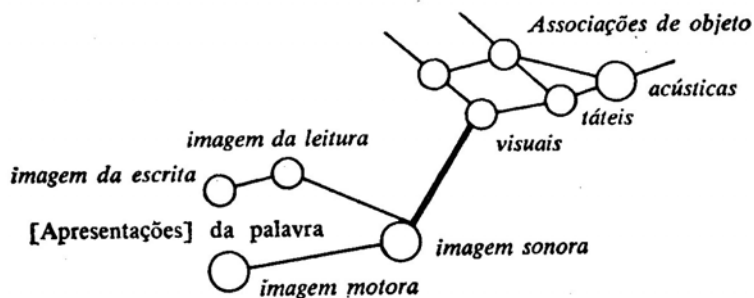
42. Semelhante à função dos *tags*.

43. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. **O conceito de sublimação na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: (Ed.) Rio, 1977.

44. FREUD, Sigmund. [1914] O inconsciente. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 14, p.244, 1974.

Em o *Ego e o Id*⁴⁵, publicado em 1923, Freud estende essa possibilidade de associações entre representações mentais à representação do corpo (funcionamento externo), à representação do mundo físico e à representação do mundo social. Para ele, as representações dentro do espaço psíquico - corpo, mundo físico, mundo social e a língua - formam um conjunto estruturante dos processos de funcionamento da mente.

Interessante apreciar-se a rede que Freud propõe em 1914:



A apresentação da palavra é indicada como um complexo fechado de apresentações, ao passo que a apresentação do objeto por *todos* os seus elementos constitutivos, mas apenas por sua imagem sonora. Entre as associações de objeto, são as visuais as que representam o objeto, da mesma forma que a imagem sonora representa a palavra. As conexões que ligam a imagem sonora da palavra às associações de objetos que não as visuais não vêm indicadas.

figura 8 - diagrama psicológico de uma apresentação da palavra
(Freud, 1914, p. 244)⁴⁶

Na verdade, Freud, nos seus textos sobre Metapsicologia, ao distinguir esses dois tipos de 'representação' acima aludidos (a representação da coisa e a representação da palavra) faz uma distinção que tem para ele um alcance metapsicológico: a ligação, que existe entre a representação de coisa e a correspondente representação de palavra, caracteriza o sistema pré-consciente - consciente, ao contrário do sistema inconsciente, que apenas compreende representações de coisa. (Laplanche & Pontalis, 1992. p. 450 -451.)⁴⁷

Dizendo de outro modo, as representações de palavra são introduzidas numa concepção que liga a verbalização e a tomada de consciência. Assim, desde *O Projeto* (1895)⁴⁸, encontramos a idéia de que é associando-se a uma imagem verbal que a imagem mnêmica pode adquirir o 'índice de qualidade' específico da consciência. Essa idéia permanecerá constante em Freud e é fundamental para compreendermos a passagem do processo primário para o processo secundário, da identidade de percepção para a identidade de pensamento.

Por tudo que sintetizei aqui, penso que se pode constatar o valor da contribuição da escola psicanalítica para o tema deste

45. FREUD, Sigmund. [1923] O ego e o id. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 1976.

46. FREUD, Sigmund. [1914] O inconsciente. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 14, p.244, 1974.

47. LAPLANCHE E PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

48. FREUD, Sigmund. [1895] Projeto de uma teoria científica para neurólogos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 1, 1977.

tese e ele será retomado quando da discussão dos dados da pesquisa.

2.1.2

A contribuição da escola da Gestalt

No século XX, uma das grandes contribuições para o desenvolvimento da Psicologia refere-se à teoria de campo Gestalt, uma das mais importantes escolas teóricas contemporâneas da aprendizagem, esboçada a partir das concepções de Von Erenfels, filósofo vienense do fim do século XIX, mas adquirindo o estatuto de cientificidade nos estudos de Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang Köhler (1887-1967), Kurt Koffka (1886-1941) e Kurt Lewin (1890-1947).

Em verdade, a palavra alemã '*Gestalt*' é usada, muitas vezes, como sinônimo de forma ou feitió. Mas, na língua alemã, o substantivo '*Gestalt*' tem duas acepções: forma ou feitió como atributo das coisas e a significação de uma unidade concreta *per se*, que tem, ou pode ter, a 'forma' como **uma** de suas características. Ehrenfels, achando a forma, a mais importante e evidente entre as suas qualidades das formas isoladas, empregou o nome "*Gestaltqualitäten*" para todas elas. Em consequência disso, estão incluídas não apenas as formas específicas de objetos e figuras, mas também qualidades tais como regulares, temporais e espaciais. Movimentos como fatos visuais têm *Gestaltqualitäten* que são temporais e espaciais ao mesmo tempo. (Köhler ([1947] 1980)⁴⁹

Neste ponto, cabe uma observação geral acerca da terminologia. Para Ehrenfels, as novas características eram, em si mesmas, objeto de grande interesse. Sendo assim, na ótica de Köhler ([1947] 1980), Ehrenfels não levou em consideração a significação muito mais geral da organização; não considerou que, em sua maior parte, os produtos de organização apresentam os melhores exemplos de *Gestaltqualitäten* como seus atributos.

Köhler (1947) resumiu a teoria da *Gestalt* sobre a percepção da seguinte forma;

Nosso ponto de vista é que o organismo, em lugar de reagir a estímulos locais mediante fenômenos locais e mutuamente independentes, responde a pauta dos estímulos a que se acha exposto; e que esta resposta é um processo unitário, um todo funcional, que constitui uma experiência, uma cena sensorial mais que um mosaico de sensações locais. (Köhler, 1947 apud Wolman, 1971, p. 516)⁵⁰.

Koffka aplicou as leis da percepção à teoria da aprendizagem. Em lugar da recompensa ou do reforço, introduziu o

49. KÖHLER, Wolfgang. [1947] **Psicologia da Gestalt**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980 p. 104 -105.

50. WOLMAN, Benjamin. **Contemporary theories and systems in Psychology**. New York: Harper & Brothers, 1960.

conceito de meta. Concluiu que toda a aprendizagem se apoiava numa reorganização perceptiva, colocando o conceito de percepção como a unidade central, ao invés da sensação. (Wolman, 1971, p. 517) Percepção aqui tomada como o funcionamento básico dos centros superiores do pensamento e não como consequência da soma dos sentidos.

Do tempo de Ehrenfels para cá, a importância que era atribuída por ele às qualidades passou a ser dada aos fatos de organização e, assim, ao problema das entidades específicas nos campos sensoriais. Em consequência, quando nos referimos à Psicologia da Gestalt, a significação que atribuímos à palavra *Gestalt* é a que se refere a um objeto específico, à organização e o problema dos atributos da *Gestalt*. Assim, na teoria de campo-gestalt, um dos seus postulados teóricos essenciais é que o todo transcende a soma das partes, o todo é uma nova estrutura que se ‘dissolve’, se divide em sub-partes.

Wertheimer (1959)⁵¹ estabeleceu uma série de regras, ou leis, sobre as modalidades de agrupamento dos elementos do campo nas estruturas mais vastas, ou seja, na configuração. Pensamento e percepção estão sempre ligados ao todo como estrutura organizada. As condições mediante as quais os elementos do campo se unificam e se organizam em unidade perceptiva são determinadas a partir das suas relações com o contexto, cujo papel é decisivo no reconhecimento das figuras e na atribuição de significado.

Segundo Mamede-Neves (1979)⁵², Lewin, como um teórico gestaltista, propôs o conceito de campo (espaço-vital) postulando que

...fatos psicológicos possuem a mesma realidade e tipo de existência que fatos biológicos em geral, admitindo, assim, uma estrutura de correspondência formal entre essas duas realidades, na qual uma não é menos importante que a outra, e sim que as duas, juntas, abrangem a estrutura da totalidade do campo psicológico. (Mamede-Neves, 1979. p.7)⁵³

Ainda ouvindo Lewin, o campo

...indica a totalidade de fatos que determina o comportamento de um indivíduo num certo momento ... implica numa pessoa dentro de sua circunstância, uma vez que inclui, em sua

51. WERTHEIMER, M. **Productive thinking**. New York: Harper & Row, 1959.

52. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. **Formal correspondence between psychodynamic models of S. Freud and K. Lewin**. Rio de Janeiro: EDIPUC, 1979. [publicação da Conferência proferida em Berlim, Alemanha, no Internationales Forum für Psychoanalyse, sob a chancela da International Health Society, em agosto de 1977.]

53. MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. **Formal correspondence between psychodynamic models of S. Freud and K. Lewin**. Rio de Janeiro: EDIPUC, 1979. [publicação da Conferência proferida em Berlim, Alemanha, no Internationales Forum für Psychoanalyse, sob a chancela da International Health Society, em agosto de 1977.]

representação, a representação global na qual os fatos podem ser vistos relacionados”. (Lewin, 1951, p.83-84)⁵⁴.

Essa relação permite às regiões do espaço-vital serem percebidas na relação com as outras partes, de maneira a constituir uma unidade de maior relevância perceptiva segundo condições particulares de estímulo. O campo pode ainda segmentar-se em zonas que assumem o papel de **figurar** o caráter de objeto, e em zonas que assumem o papel de **fundo**, um caráter menos concreto ou evidente. (Appiano, 1996, p. 43)⁵⁵

Se uma página é composta por um fundo colorido, texto, foto, moldura e legenda, não somente a fotografia será considerada como imagem e, sim, todos esse elementos, pois este contexto comunica, apóia a foto e é apoiada por ele.

Tomando a posição gestaltista também como norte, além da psicanalítica, estou considerando imagem, em minha tese, como tudo o que caracteriza o alfabetismo visual do espectador, porque o campo visual está sendo considerado um campo de forças, com suas sub-regiões e valências, sendo que valência não corresponde somente a uma força de campo, mas a variedade de forças procedentes das diferentes regiões deste espaço.

A comunicação visual é, pois, um processo que não só diz respeito à aquisição de aspectos de percepção da realidade como as modalidades e comportamentos cognitivos de quem observa esta realidade. Tomo aqui o termo cognição não como sinônimo de racional, mas como a articulação entre as dimensões racional e afetiva do ser humano, dimensões essas impossíveis de serem tomadas separadamente, posição esta defendida pela Psicanálise e pela própria teoria de campo de Kurt Lewin.

2.2

Forma da realidade e forma da representação

Por tudo que foi visto acima, pelas contribuições dadas à compreensão deste tema, tanto pela psicanálise quanto pela teoria gestaltica, considero que, certamente, constituiu um dos saltos qualitativos do desenvolvimento humano a possibilidade de simbolizar, de entrar na ordem do simbólico, possível apenas quando o homem conseguiu desenvolver a função semiótica, o que lhe permitiu a possibilidade de ter imagem mental, de produzir representações, enfim, de poder comunicar. Ora, esta possibilidade se fez pelo ato de representar a natureza, através de princípios, métodos e procedimentos que traziam os signos gráficos e ícones; a figurar, por analogia, a realidade, enriquecendo-se dos traços semânticos trazidos pela experiência e do

54.LEWIN, Kurt. **Teoria de Campo em Ciência Social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1965.

55.APPIANO, Ave. **Forme dell'immateriale: angeli, anime, mostri**. Torino: SEI, 1996.

mundo interior. Daí para frente, o homem só fez enriquecer essa possibilidade.

Visto por este ângulo, gosto de pensar que as representações visuais adquirem uma autonomia podendo ser tratadas como elementos codificados e funcionais que são posteriores aos processos de interpretação. Tais características de reflexividade e reversibilidade já foram enfatizadas seja na semiótica quanto na etologia; o signo gráfico-visual se propõe a se tornar realidade, dotada de uma individualidade efetiva da mesma maneira que a realidade é inicialmente captada sob a forma de imagem.

Retornando às possibilidades que o homem passa a ter quando atualiza suas imagens mentais através do uso de símbolos a signos, aponto o fato de que o poder fazer isto através do desenho está presente no cotidiano humano desde a era das cavernas, as mídias, novas ou não. Nesse sentido, o desenvolvimento tecnológico vem, ao longo do tempo, sendo, nada a mais nada a menos, do que uma continuação dessa necessidade de comunicar através do visual. Apesar desta natural extensão, parece que, hoje em dia, apesar do bombardeio visual em que vivemos, podemos estar desconectados das nossas experiências cotidianas. As imagens estão lá, mas algumas vezes as olhamos e não as vemos, ou, simplesmente, elas estão ali, gratuitamente. Esta desconexão é tamanha que, muitas vezes, a imagem, o ato de desenhar, são considerados como uma coisa secundária menos importante.

Em toda a história da humanidade a representação figurativa é consequência do ponto de vista de um observador, das pinturas rupestres, alinhamentos de pedra que deveriam ser vistos do céu, labirintos dos jardins barrocos.



figura 9 – pintura rupestre de aproximadamente 12 mil anos
Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil.⁵⁶

56. Pintura rupestre. foto colorida.jpg.



figura 10 – pinturas estilizadas da Caverna de Castillo de Monfragüe, Cáceres, Espanha – Idade do Bronze.⁵⁷



figura 11 – Caverna das mãos na Patagônia, a–proximadamente 9 mil anos.⁵⁸



figura 12 – Jardins do Palácio de Mateus – Vila Real, Portugal – construído no séc. XVIII.⁵⁹

<<http://www.comciencia.br/200406/noticias/3/arqueologia.htm>> Capturada em 03 de setembro de 2007.

57. Pintura rupestre de Monfragüe. foto colorida.jpg.

<<http://www.celtiberia.net/verimg.asp?id=2170>> Capturada em 03 de setembro de 2007.

58. Caverna das Mãos. foto colorida.jpg.

<<http://www.aonikenk.com.ar/CIRCUITOS/circuito1.htm>> Capturada em 03 de setembro de 2007.

59. Jardins do Palácio de Mateus. foto colorida.jpg. <

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=400763> > Capturada em 03 de setembro de 2007.



figura 13 – jardim Barroco.⁶⁰



figura 14 – jardins do Palácio Nacional de Queluz, Sintra, Portugal. Construído em 1760.⁶¹

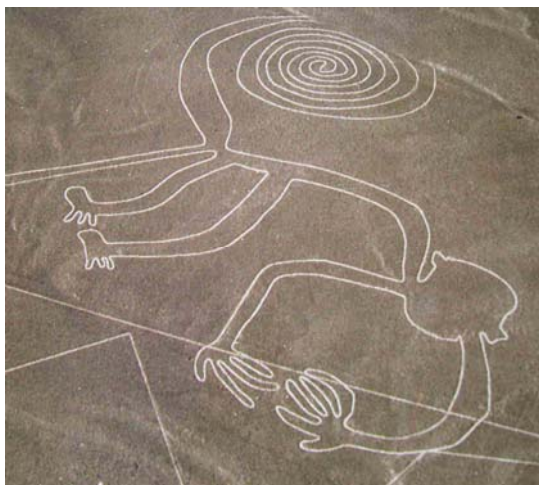


figura 15 – macaco desenhado com sulcos na Terra pela população Nazca, Peru. – civilização pré-colombiana.⁶²



figura 16 – candelabro Nazca, Peru.⁶³

^{60.} **Jardim Barroco.** foto colorida.jpg.

<http://farm1.static.flickr.com/185/436905600_66b28fcaa7_o.jpg> Capturada em 03 de setembro de 2007.

^{61.} **Jardins do Palácio Nacional de Queluz.** foto colorida.jpg.

<<http://www.visiteestoril.com/pt/S97/TemplateP/mp.aspx?ResourceID=1098>> Capturada em 03 de setembro de 2007.

^{62.} **Macaco Nazca.** foto colorida.jpg. <[http://petra-](http://petra-dura.blogspot.com/2008/02/pensiero-del-giorno-i-nazca.html)

[dura.blogspot.com/2008/02/pensiero-del-giorno-i-nazca.html](http://petra-dura.blogspot.com/2008/02/pensiero-del-giorno-i-nazca.html)> Capturada em 03 de setembro de 2007.

^{63.} **Candelabro Nazca.** foto colorida.jpg.

<<http://www.boletindenewyork.com/eventsandnews.htm>> Capturada em 03 de setembro de 2007.



figura 17 - detalhe das linhas de um dos desenhos Nazca, Peru.⁶⁴

O olho percorre as formas criando para si mapas, a imagem entra no imaginário buscando associações, fantasias, alusões, e se colocando em jogo dentro da face visual multifacetada e das ilusões. Faz parte deste processo todo um vocabulário visual que é adquirido durante a existência do indivíduo. Este é um processo cíclico, que resulta da observação das imagens e também as gera.

Também é um processo bastante complexo do qual ainda se tem uma compreensão bastante primária, talvez pela pouca importância que se dá a este mundo visual, uma vez que estamos em um mundo onde se valoriza oficialmente o alfabetismo verbal. Mas não devemos esquecer que a própria comunicação verbal, a escrita, se deu em decorrência da evolução de uma linguagem desenvolvida pela necessidade de comunicação.

64. Linhas de desenho Nazca. foto colorida.gif.

<<http://www.students.sbc.edu/sung08/senior%20seminar/Nazca/TheNazcaLines.html>> Capturada em 03 de setembro de 2007.

[...] considerar a imagem, antes de tudo, como um **evento figurativo**, como resultado de uma atividade global, representativa dos elementos concretos ou conceitos imaginários, dos dados materiais ou imateriais, constituída de *signos visuais* perceptíveis dos quais a globalidade compõe um sistema de comunicação visual codificado segundo uma intencionalidade comunicativa e destinado a uma atividade de decodificação e de interpretação da parte do destinatário. (Appiano, Ave, 1996. p. 3)⁶⁵ [grifos meus | tradução livre⁶⁶]



figura 18 – Realidade, percepção e interpretação

Elaborando as idéias da Psicanálise sobre a construção que vai de Eros a Logos, Rouanet (1993)⁶⁷ aponta que a fantasia, elemento importante porque é um ingrediente básico para a formação das imagens mentais, quase por definição está ligada não ao real, mas a um universo que se afasta mais ou menos explicitamente do real. A fantasia é um agente decisivo no processo de ocultação do saber, mas é também ela que, apesar de ser uma formação irreal, e a serviço da desrealização, contém, não obstante, um vetor cognitivo.

65. APPIANO, Ave. **Forme dell'immateriale: angeli, anime, mostri**. Torino: SEI, 1996.

66. [...] considerare innanzitutto l'immagine i quanto evento figurativo, come risultato di una attività globale, rappresentativa di elementi concreti o concetti immaginari, di dati materiali o immateriali, costituita da segni visivi percettibili la cui globalità compone un sistema di comunicazione visiva, codificato secondo un'intenzionalità comunicativa e destinato a un'attività di decodifica e di interpretazione da parte del destinatario. (Appiano, Ave, 1996. p. 3)

67. ROUANET, Sergio Paulo. **A razão nômade**: Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

Para ilustrar este processo, nada melhor do que os desenhos infantis. Em um simples desenho de uma paisagem podemos identificar várias dessas reelaborações. Como exemplo, aqui me atendo à representação do Sol, que quase sempre é humanizado, apresentando olhos, boca e orelhas, ainda que raramente.

Para Ave Appiano (1996)⁶⁸, este processo de reelaboração da realidade para a obtenção de sua representação nada mais é do que uma reorganização da experiência sensível do sujeito.

A realidade ‘real’, objetiva, passa através do filtro da percepção, modificando assim a sua estrutura graças a uma complexa intervenção do conhecimento, emoções, sentimentos, intenções e esperas/anseios que orientam o momento perceptivo de tal forma que reconduz o sujeito humano a reorganizar sua experiência sensível. (Appiano, 1996, p. 2) [grifo da autora | tradução livre⁶⁹]

Novamente citando Rouanet, vemos que

Freud, em nenhum momento perdeu de vista a função cognitiva do imaginário e, em certos momentos, **chega ao extremo de atribuir à imaginação uma função criadora superior a do entendimento**. Assim, ele reproduz na *Interpretação dos Sonhos*, a seguinte citação de Schiller: ‘o motivo (da falta de criatividade) parece residir na coação que o entendimento impõe à imaginação... Não me parece útil que o entendimento sujeite à sua disciplina as idéias que afluem, como um guardião que impede a entrada a uma porta. **Num espírito criador... o entendimento suspende sua vigilância diante da porta, as idéias irrompem de roldão, e somente então pode ele supervisionar e avaliar o conjunto**. (Rouanet, 1993, p. 121) [grifos meus]

Concordando com Ostrower, considero que

...o espaço vivencial da memória representa uma ampliação extraordinária, multidirecional do espaço físico natural. Agregando áreas psíquicas de reminiscências e de intenções, forma-se uma nova geografia ambiental, geografia unicamente humana... pelos processos ordenadores da memória, articulam-se limites entre o que lembramos, pensamos e imaginamos, e a infinidade de incidentes que se passaram em nossa vida. De fato, se viessem a tona anarquicamente todos os dados da memória, seria impossível pensarmos ou estabelecermos qualquer tipo de relacionamento. Seria impossível funcionarmos mentalmente. (Ostrower, 1984, p. 18-19)⁷⁰

68. APPIANO, Ave. **Comunicazione visiva: apparenza, realtà, rappresentazione**. Torino: UTET, 1996.

69. La realtà “reale”, oggettiva, passa attraverso il filtro della percezione, modificando così la sua struttura grazie a un complesso intervento di conoscenze, emozioni e sentimenti, intenzioni e attese che orientano il momento percettivo, tanto da ricondurre il soggetto umano a riorganizzare l’esperienza sensibile. (Appiano, 1996, p. 2)

70. OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

Por outro lado, as estruturas mentais não são apenas idéias desprovidas de interesse, valências. Assim, pode haver alguns paradoxos não inteligíveis pelo homem se ele apenas se guiar pela objetividade do pensamento estritamente racional. A subjetividade, as demandas motivacionais de sua cultura lhes oferecem escolhas aparentemente inexplicáveis!

Um exemplo: entender como um computador que, por mais portátil que seja, é menos maleável e menos transportável que um livro, consegue ser, para a maioria dos jovens, muito mais atrativo? Nos tempos atuais, a imagem de um jovem por horas a frente de um computador nos vem muito mais fácil que a de um jovem lendo um livro! Por outro lado, a idéia de que numa aula tradicional expositiva, a ‘subutilização’ da tecnologia (usos de filmes sem muito critério, aulas com apresentações em *Power Point* mal preparadas) garante sua atratibilidade, também não é verdade!! Isto, com certeza, acarreta uma mudança de hábitos cotidianos, organizativos e mesmo de natureza sócio/emocional, mas não garante o investimento positivo da pessoa na tarefa.

Não basta ter a posse do artefato. É imperioso que ele propicie o bom uso desses diferentes canais que nos levam à percepção do que queremos e, especialmente, que atinja principalmente o caráter lúdico e multifacetado de nossas fantasias criativas!!

Seria viável, então, dizer que o livro impresso se encontra ultrapassado, fadado a ceder cada vez mais espaço aos novos produtos da tecnologia eletrônica? As anotações ao longo do texto, os desenhos nas margens de livros e cadernos. a necessidade de estabelecer uma relação “física”, uma relação mais próxima com a sua aprendizagem não teriam mais sentido? Claro que não podemos ir por aí.

Reafirmo que minha pesquisa não tem a intenção de confrontar as modalidades de livro, impresso e digital, nem que acredito que o uso do livro venha a ser extinto, substituído por outros artefatos, mas sim no aprimoramento dele, quando se tem em jogo, outras formas de comunicação que se tornam concorrentes. Tomo este caminho apenas como “fio da meada” para falar do alto teor sedutor e persuasivo dos ambientes eletrônicos.

Em minha opinião, as novas tecnologias têm a capacidade de envolver cada vez mais intimamente o indivíduo, pois se aproximam do seu cotidiano, e falo do cotidiano real e mental. Os processos de formação e de aquisição de conhecimento são cada vez mais dinâmicos, criativos e completos. Através dos processadores de textos, chats, blogs, sites sociais, de busca, o uso do hipertexto, da hipermídia e etc., as operações de leitura e escritura e estruturação de informações são colocadas em prática de maneira lúdica e sempre tendo como base um repertório visual muito rico e variado e cada vez mais personalizado.

Lembro, mais uma vez citando Rouanet (1993)⁷¹ que:

Sem uma especulação e uma teorização metapsicológica – quase diria, sem uma atividade fantasiadora – não poderíamos avançar um passo (na atividade investigativa). Dessa forma Freud, que jamais havia negado a influência da fantasia sobre a *ação* (para ele os homens ‘energéticos e ambiciosos’ **utilizam a fantasia**, não para fugir da realidade, **mas para transformá-la, com vistas à realização não-alucinatória do desejo**) parece atribuir-lhe um efeito positivo também sobre o conhecimento. E não apenas o conhecimento intuitivo, tal como incorporado nas obras de arte e na literatura que Freud sempre considerou vias especialmente valiosas para análise da realidade psíquica, mas o próprio conhecimento sistemático. **Mas qual a dimensão do real visada pelo imaginário?”** Rouanet arrisca uma resposta: **sua dimensão virtual. Ele visa ao novo embutido no real, o futuro aprisionado no presente.** Pois, na fantasia, “**o desejo utiliza a ocasião presente para desenhar, segundo o modelo do passado, uma imagem do futuro**” (Rouanet, 1993, p. 121-122) (grifos meus)

Tendo em vista tudo que já se analisou neste capítulo sobre imagem e representação, podemos basicamente resumi-las em: manifestação visual, forma exterior de objetos quando percebidas pela visão, figura passível de reprodução ou comparação, configuração de algo no âmbito afetivo, imaginário. Todas essas acepções têm em comum o uso da palavra *representação* para descrevê-las, o que, para mim, deixa claro que estes dois conceitos, imagem e representação, estão indissolivelmente ligados.

Se, para o início de minha reflexão, tomo a imagem como um objeto concreto veiculada em um suporte, estou considerando que esta imagem está sujeita à interpretação da parte de quem a vê e, por sua vez, é fruto da interpretação da alguém que utilizando técnicas adequadas a materializou.

... na fantasia a realização do desejo passa por idéias, **imagens, representações**, que pelo menos, no caso dos sonhos diurnos, das fantasias conscientes, não são confundidas com a realidade. **O indivíduo não alucina nada por meio delas (as fantasias), mas representa-se algo; ... ele sabe que fantasia, não vê, mas pensa.** (Rouanet, 1993, p. 122)⁷² (grifos meus)

Penso que as afirmações de Freud, antigas na data, mas absolutamente atuais em suas idéias, se articulam muito bem com as idéias de Manguel (2006) quando afirma:

71. ROUANET, Sergio Paulo. **A razão nômade**: Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

72. ROUANET, Sergio Paulo. **A razão nômade**: Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

[...] Desde o exato momento em que nascemos, observamos uma pessoa agir e pensar, e compartilhamos as alegrias, as idéias, as intuições e agonias dessa pessoa; essa coexistência íntima com nós mesmos cria a ilusão de sermos aquela pessoa. As imagens que conscientemente criamos só para nosso prazer, instrução ou alívio ampliam essa ilusão, permitindo-nos imaginar que uma pintura de Picasso, ou uma escultura de Aleijadinho revelam o mundo para nós ou nos revela para o mundo: assim também, e de forma assombrosa, é que em meio à nossa crueldade, ganância ou loucura sem inspiração, ainda sejamos capazes de criar e recriar tanta beleza.

Essencialmente, toda imagem nada mais é do que uma pincelada de cor, um naco de pedra, um efeito de luz na retina, que dispara a ilusão da descoberta ou da recordação, do mesmo modo que mais nada somos do que uma multiplicidade de espirais infinitesimais em cujas moléculas – assim nos dizem – estão escondidas em cada um de nossos traços e tremores. De todo modo, tais reduções não oferecem explicações nem pistas sobre o que se constela em nossa mente quando vemos uma obra de arte que, implacavelmente, parece exigir uma reação, uma tradução, um aprendizado de algum tipo – e, talvez, se tivermos sorte, uma pequena epifania. Essas coisas parecem estar além do alcance de quase qualquer livro, e com certeza deste, feito de notas ao acaso e de indecisões. (Manguel, 2006 p. 315-316)⁷³

Em síntese, para mim, não existe imagem real que não tenha sido fruto de uma imagem mental, que serviu de base para a sua construção e que, por seu turno, modificará a imagem mental extraída dela.

Considero a análise de imagens nada mais que (des)estruturação daquilo que está sendo visto e sua (re) estruturação. Esta recomposição, por sua vez, é determinada por vários fatores como perspectiva/ponto de vista, generalização do olhar, vocabulário visual, cultural e social, entre outros. Estes fatores vão ser essenciais para o ato de perceber.

Pelo exposto, vê-se que o processo de percepção está fundado na intencionalidade de quem está percebendo, quanto mais este observador/percebedor exercitou, nutriu, estimulou suas estruturas mentais, mais aguçada, mais pontual, ou até mais enviesada será sua percepção. Cabe ainda colocar que o interesse manifesto se desdobra em intenções que não são fatos isolados, mas que se situam como um complexo psíquico, pertencendo a uma ação como um todo, intenção essa que, com certeza, será uma lente através da qual o indivíduo realizará todo o processo.

73. MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

2.3

Imagem e signo

Tendo a semiótica como pano de fundo a definição de imagem se configura como “*um texto visual, uma base de signos dos quais as conformações e correlações são funcionais a um projeto de interpretação voltados ao espectador.*” (Eugeni, 1999, p. 16-17)⁷⁴

A semiótica (ou semiologia), do grego semeiotikos ‘relativo ao signo’, é a ciência ou doutrina que tem como objetivo o estudo dos signos, de suas naturezas e funções, de suas produções e interpretações

[...] Os signos são entendidos em geral como as unidades comunicativas que compõem a mensagem; estes por sua vez remetem a alguma outra coisa em virtude de uma codificação, de um processo lógico ou de uma concessão natural [...].

O objeto de tal disciplina é [...] sejam as individualizações de sistemas, composto de unidades (signos) e das relações internas a esses sistemas e unidades, sejam colateralmente a explicação dos processos ou utilizações concretas (atos de comunicação) nos quais um signo encontra suas explicações práticas. (Caprettini, 1997, p. 3-8)⁷⁵ [tradução livre]

A semiótica é então a disciplina que se ocupa dos processos resultantes dos eventos de compreensão dos quais são responsáveis materiais sensíveis (sons, elementos gráficos, imagens, também odores, sabores e experiências táteis), a partir de tais materiais.

A semiótica estudou, antes de qualquer outra coisa, os signos, as unidades mínimas das linguagens dotadas de um componente sensível e responsável pela compreensão. Também é usada para analisar de que modo os signos são organizados nos sistemas significantes, razão pela qual fazem parte da competência de cada sujeito social quando correlacionado com outros signos e outros conhecimentos.

Para Casati (1991) mesmo que as noções de imagem e de signo possam, em certas vezes, apresentar importantes afinidades, elas são distintas, visto que, para entender um signo é necessário ter como pano de fundo o contexto comunicativo, enquanto que para entender uma imagem, devem-se analisar todas as situações perceptivas.

74. EUGENI, Ruggero. **Analisi semiotica dell'immagine**: pittura, illustrazione, fotografia. Milano: ISU – UCSC, 2004.

75. CAPRETTINI, Gian Paolo. **Segni, testi, comunicazione**. Gli strumenti semiotici. Torino: UTET, 1997.

As imagens podem ser imagens somente porque de qualquer maneira conseguem transferir a atenção da própria realidade material para resolver-se na sua função visual, que é aquela de apresentar um outro objeto material. (Casati, 1991. p. 37)⁷⁶ [tradução livre]⁷⁷

Se as imagens fossem constituídas necessariamente do conjunto de *todos* os traços característicos que podemos recolher de *um objeto singular*, nós não poderíamos reconhecê-lo *somente como aquele objeto singular*: seria *aquele objeto*, e basta. Porque se o reconhecemos propriamente (então não simplesmente como um objeto singular), é necessário que da parte da mesma percepção exista um *privilegio* não intencional de alguns desses traços, para que assim se possa comparar a outros objetos providos de traços característicos similares e de outros traços diversos e, assim, reconhecê-lo, por exemplo, como um gato ou como um vaso. Mas, por isso, um traço característico assim privilegiado já remete a um possível traço semântico lingüístico e, portanto, eventualmente, conceitual. É dessa maneira que a imagem revela ser não simplesmente uma imagem *provida de todos os traços característicos* que possam ser colhidos da percepção, mas, *ao mesmo tempo*, também tudo o que se pode chamar 'esquema', isto é, uma imagem que está incluída naquela *provida somente dos traços característicos privilegiados* tem como objetivo um reconhecimento. (Garroni, 2005. p. 57)⁷⁸ [tradução livre]⁷⁹

Em síntese a semiótica passou de uma consideração dos signos internos aos sistemas abstratos das competências dos sujeitos, a uma consideração dos signos internos aos textos e em relação ao projeto interpretativo dos quais o texto é portador.

Por todo o exposto, defino imagem enquanto texto visual como um dispositivo de construção de relações entre um sujeito espectador e alguns objetos, mas considerando também a parte do emissor que não se deve ocupar somente de como chega o enunciado, senão também do 'meio' deste caminho e da projeção desta emissão.

76. CASATI, Roberto. **L'immagine: introduzione ai problemi filosofici della rappresentazione**. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1991.

77. Le immagini possono essere immagini solo perché in qualche modo riescono a stornare l'attenzione dalla propria realtà materiale per risolversi nella loro funzione visiva, che è quella di presentare un (altro) oggetto materiale. (Casati, 1991. p. 37)

78. GARRONI, Emilio. **Immagine, linguaggio, figura**. Roma: Laterza, 2005.

79. Se l'immagine fosse costituita necessariamente dall'insieme di tutti i tratti caratteristici che possiamo cogliere in un oggetto singolo, noi non potremmo riconoscerlo se non come quello oggetto singolo: sarebbe quell'oggetto, e basta. Perché propriamente lo si riconosca (quindi come oggetto non semplicemente singolo), bisogna che da parte della stessa percezione ci sia un privilegiamento non-intenzionale di alcuni di quei tratti, così da poterlo paragonare ad altri oggetti, provvisti di tratti caratteristici simili e di altri tratti diversi, e quindi riconoscerlo, per esempio, come un gatto o come un vaso. Ma, appunto, un tratto caratteristico così privilegiato già rinvia a un possibile tratto semantico linguistico e poi, eventualmente, concettuale. Così che l'immagine si rivela essere non semplicemente un'immagine fornita di tutti i tratti caratteristici che possono essere colti dalla percezione, ma nello stesso tempo anche ciò che viene detto 'schema', cioè un'immagine, inclusa in quella, fornita dei soli tratti caratteristici privilegiati al fine di un riconoscimento. (Garroni, 2005. p. 57)

A disposição e a relação das partes dentro de um todo conjugam a dimensão espacial pela qual “o conjunto se torna o *contexto de seus componentes*” (Ostrower, 1998, p. 219 [grifos da autora])⁸⁰. Assim, ordenando os elementos de uma imagem construída, o emissor terá organizado a mensagem em sua coerência interna – as partes equilibradas –, além da coerência externa que é dada a ver pelo espectador.

As ordenações são expressivas e respondem a alguma questão de ordem física, espacial, temática etc. Desse modo, segundo Ostrower, “a escolha de um determinado padrão proporcional foi muitas vezes condicionada pelo contexto cultural em que vivia o artista, dependendo ainda da finalidade a que se destinava a obra [...]” (id., ib., p. 233). Na busca do equilíbrio, as escolhas para os arranjos dos grupos fotografados (ou o arranjo dos elementos de uma produção) também são arrumados *apropriadamente*, ou seja, em consonância com a ordem da época e do autor que não está jamais descolado de seu tempo. Por isso, penso que é muito oportuno a semiótica do texto visual se valer de outras instrumentações de análise como as do tipo histórico, sociológico e antropológico, uma vez ser importante a determinação de fenômenos de uso e consumo sociais da imagem.

Falemos agora um pouco sobre a interpretação da imagem, um processo construtivo e cíclico. Uma imagem pode ser reconhecida, sempre que a olhamos, dentro de dois níveis: um primeiro nível perceptivo e interpretativo, no qual a imagem se apresenta como um traçado de linhas e pontos que determinam as formas dispostas dentro de um espaço bidimensional; um segundo nível no qual a imagem se apresenta como uma reprodução gráfica de uma cena do mundo natural, real e tridimensional, por mais simples que seja.

Ostrower (1998, p.84)⁸¹, falando sobre as formas e sua percepção, comenta que “devido à simplicidade, regularidade e simetria na estrutura do círculo, do quadrado, e do triângulo, estas formas geométricas foram consideradas portadoras de uma configuração ‘boa’ pelos pesquisadores da percepção no século XIX⁸²”.

Entre as premissas das formas e sua força expressiva, Ostrower diz que o círculo concentra um campo de energia referido a um núcleo central, de onde se irradiam forças que são limitadas por sua borda. O triângulo é também uma forma que, segundo a autora, de acordo com sua disposição, pode dar a impressão de estabilidade ou ao contrário. Quando se encontra apoiado na linha horizontal, o triângulo promove a impressão de estabilidade com a base firmemente plantada; ao contrário, com a ponta apoiada na horizontal, dando a impressão de estar de “cabeça para baixo”, traz a impressão de desequilíbrio. Na

80. OSTROWER, Fayga. **A sensibilidade do intelecto**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

81. OSTROWER, Fayga. **A sensibilidade do intelecto**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

82. Ostrower se refere aos pesquisadores da área da psicologia da percepção que formularam a Teoria da Gestalt. Como já vimos acima, esta teoria aborda a estrutura dos fenômenos da percepção em termos de relação, independentemente da quantidade – é uma abordagem qualitativa, na qual o todo constitui sempre uma síntese.

verdade, esta observação vai ser muito importante na análise e discussão das produções individuais dos jovens, dentro da parte empírica desta tese.

Voltando a transposição que se dá mantem a permanência do nível perceptivo e interpretativo inicial, mas no segundo nível, “escolhemos” reconhecer na imagem uma cena específica. Estamos assim passando de um nível para o outro, sem que, entretanto o primeiro tenha deixado de existir, de ‘funcionar’.

Na verdade, a busca de um equilíbrio global, conforme ressalta Ostrower (1998), tem relação direta com a própria personalidade do autor da obra e com sua concepção de “justo e equilibrado”. Haverá sempre, nas escolhas a serem registradas, avaliações que ultrapassam opções intelectuais e racionais.

Falando de fotografia, Ostrower diz que quando o fotógrafo capta uma imagem e a escolhe para ser registrada, está dando sua opinião sobre determinado assunto. A escolha

sempre será um conhecimento intuitivo e sensível que se manifesta, a partir de valores existenciais e também em função da multiplicidade de diferenciações e relacionamentos formais simultâneos e da complexidade de tensões (espaciais e emocionais). (Ostrower, 1998, p. 96).

É por esse olhar que a multiplicidade dos significados do texto visual se fundamenta e se explica. Ela completa a idéia dizendo que “quem estabelece os parâmetros para nossas avaliações é o próprio artista que criou as imagens” (id., ib., p. 206). Assim, dessa amálgama que concentra as escolhas racionais e sensíveis, a obra é o produto visível da concepção do autor.

Ruggero Eugeni (2004)⁸³ em seu livro *Analisi semiótica dell'immagine* elabora o seguinte modelo de análise:

83. EUGENI, Ruggero. **Analisi semiótica dell'immagine**: pittura, illustrazione, fotografia. Milano: ISU – UCSC, 2004.

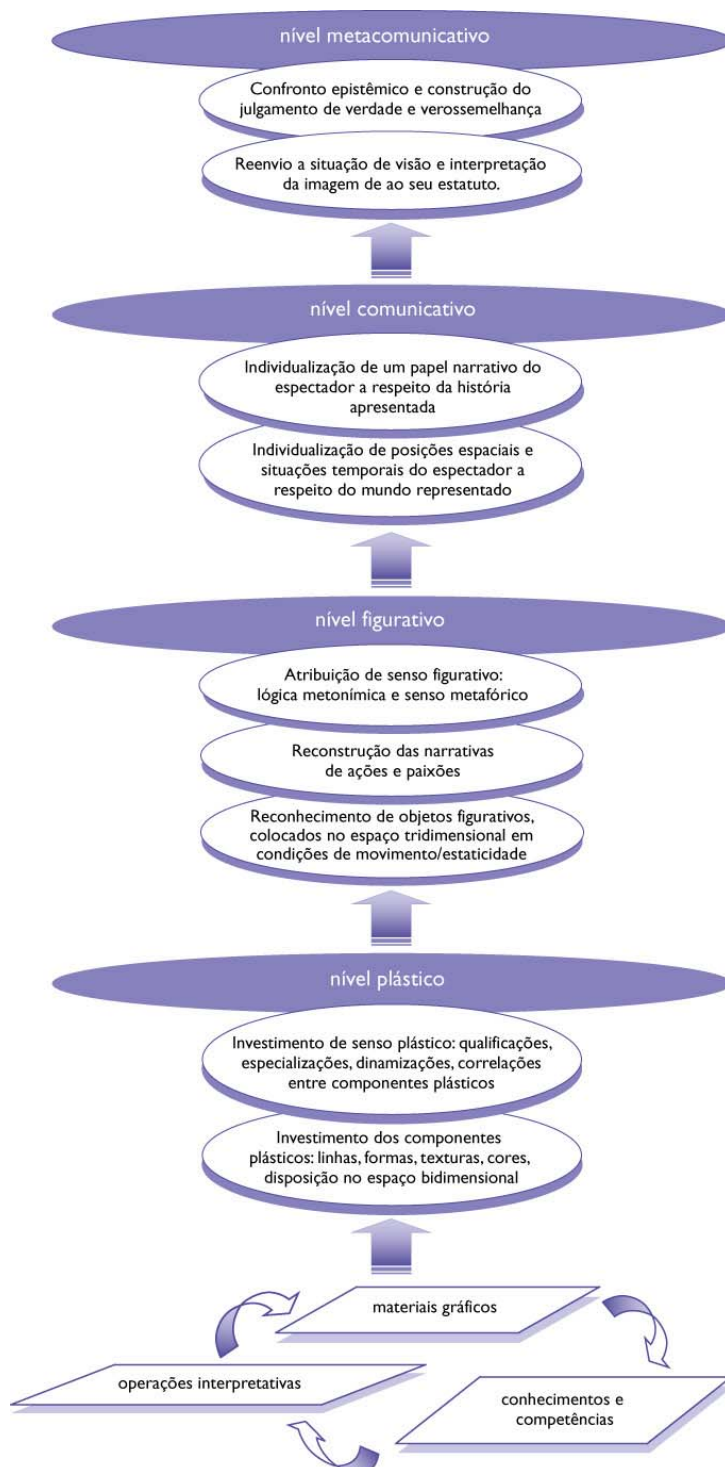


figura 19 – modelo de análise semiótica da imagem. (Eugeni, 2004.)

Este modelo de análise se adapta ao processo de interpretação da imagem feita pelo espectador, processo esse que é composto por três componentes: os materiais perceptivos oferecidos pela imagem, os quadros de conhecimento e competência previa do espectador, as suas operações interpretativas. A interação destes três componentes produz algumas construções cognitivas que dizem respeito à imagem. Uma vez concluída a elaboração de uma determinada construção, se inicia a elaboração

de uma construção sucessiva e assim se dá uma nova interpretação dos 3 componentes: falo a propósito, de diferentes *ciclos* que compõem e articulam o processo interpretativo.

Cada ciclo do processo interpretativo retoma e re-elabora a construção do(s) ciclo(s) precedente(s), enquanto estes já fazem parte do conhecimento do espectador, de tal modo que os ciclos superiores implicam naqueles inferiores e a sucessão dos ciclos possui um caráter lógico. Isto quer dizer, por exemplo, que a imagem como objeto plástico (considerada como uma base de linhas, formas e cores dispostas no espaço bidimensional) pode sustentar a elaboração da imagem como objeto figurativo, mas pode também reentrar na determinação das posições e dos papéis do espectador e assim adiante.

Os ciclos do processo interpretativo podem ser organizados hierarquicamente em ciclos e subciclos. Dentro de cada um deles a imagem empenha um papel preciso na determinação da construção cognitiva correspondente. Isto se dá, seja a partir de materiais gráficos, seja levando em consideração as construções cognitivas que estão sedimentadas sobre a imagem. Em outros termos, quando falamos de 'imagem' dentro de cada um dos ciclos devemos tomar por base os materiais gráficos e também as construções cognitivas elaboradas até aquele momento.

A cada um dos ciclos e sub-ciclos do processo de interpretação corresponde um nível e sub-nível de análise da imagem. A análise consiste de fato em uma obra de composição e recomposição que procura compreender o funcionamento da imagem. Para cada um dos níveis, a análise compõe e recompõe a imagem em função do papel que esta empenha dentro de um ciclo e sub-ciclo específico. Com base no que foi dito acima, na passagem de um nível para outro, a análise se encontra diante de um objeto parcialmente diferente; assim, a imagem se enriquece com os componentes pouco a pouco, quando passa de um nível (ou seja, de um ciclo) a outro.

Acredito que esta posição que tomo nesta tese, me parece ser a maior contribuição que deriva do fato de eu ser designer.

Minha idéia é a de que, sem sombra de dúvida, o processo interpretativo de uma imagem vai sempre adiante, sempre levando em conta as configurações internas ao objeto icônico: **a imagem considerada como texto visual**. Em outros termos, que, pouco a pouco, a espiral da interpretação tenha seu foco cada vez mais descentralizado da imagem e, cada vez mais centrado nas dinâmicas interpretativas; que a imagem se distancie e se foque, uma metáfora de ordem visual usada por Eugeni (1999)⁸⁴.

Ouso afirmar que a imagem (enquanto texto visual) mesmo que se distancie e se foque num processo talvez contínuo e com infinitas possibilidades, certamente não desaparecerá.

84. EUGENI, Ruggero. **Analisi semiotica dell'immagine**: pittura, illustrazione, fotografia. Milano: ISU – UCSC, 2004.